

O Estado de S. Paulo

8/1/1985

Notas e Informações

A chantagem sobre o País

Os trabalhadores rurais de Guariba, na região de Ribeirão Preto, estão em greve. Se a questão se resumisse a um dissídio trabalhista comum, envolvendo empregadores e empregados, a notícia nas mereceria maior destaque do que o conferido a pequenas notas sobre outras centenas de greves.

Se há uma greve que é política — e, todas, em maior ou menor grau, acabam servindo a outros interesses, não exclusivos das partes legitimamente envolvidas —, é a dos bóias-frias de Guariba. Desde o ano passado, pelo decisivo apoio de sacerdotes e ativistas do PT, Guariba tornou-se, para alguns, um marco revolucionário. Canaviais foram queimados e uma rebelião quase paralisou o campo paulista.

A ameaça repetiu-se este ano, com o início de alguns incêndios e passeatas pela cidade. Não importa analisar agora o mérito das reivindicações, nem sequer os aspectos econômicos de que poderão ou não ser atendidos; ou, mesmo, pronunciamentos jurídicos que possam amparar trabalhadores ou patrões. Esses parâmetros, repetimos, servem para arbitrar disputas trabalhistas e não um enfrentamento que, como uma gigantesca chantagem, extrapola a relação capital-trabalho para afrontar populações inteiras e, principalmente, um projeto de entendimento nacional (com ou sem pactos com os radicais) que a Nação espera do governo de Tancredo Neves.

Desde o final dos incidentes do ano passado, multiplicaram-se os indícios, pelos municípios do Interior — especialmente pelos que dependem da cana e da laranja — de que há, em marcha, plano nada amador de convulsão social no campo, para tentar, ao mesmo tempo, ampliar as bases do diminuto PT e consumir um exemplo violento de contestação. Exemplo (péssimo), para todos os trabalhadores, mesmo os bóias-frias de outros Estados. Contestação, não mais contra um moribundo governo baseado em círculos fechados do poder. Mas, ao regime — seja ele qual for, exceto às pretendidas formas virulentas de socialismo.

A responsabilidade do Interior é grande nesse momento. Não só das autoridades, encarregadas de manter a tranquilidade pública sem produzir mártires de encomenda para os abutres vestidos de "sindicalistas". Mas, também, do cidadão comum, que há, durante todo o ano, de suportar a provocação, evitar o engrossar de fileiras das massas instigadas à violência e saber distinguir os incendiários nas ruas tensas.

Depois de 20 anos, o País — e o principal Estado da Federação, que ainda depende do poder central — terá uma oportunidade real de uma administração decente, austera e competente (mas não milagreira) com o novo governo federal. Cremos renitentes chantagistas que se estão utilizando e irão utilizar-se dos trabalhadores rurais é crer no valor da chantagem. É negar ao País uma rara ocasião de restabelecer a dignidade nacional.

(Página 3)